Vol. 34, nº 3 (2026)

PERFUMES AO VENTO: A BUSCA PELA ANCESTRALIDADE FEMININA NA OBRA *FILHAS DO VENTO*, DE DINA SALÚSTIO

***

PERFUMES AO VENTO: THE SEARCH FOR FEMININE ANCESTRY IN THE WORK FILHAS DO VENTO, BY DINA SALÚSTIO

Emanuelly Mariana Trindade Guimarães[1]

Recebimento do Texto: 15/04/2026
Data de Aceite: 13/05/2026

Resumo: Este artigo visa discutir aspectos do universo e do papel feminino no romance *Filhas do Vento*, de autoria da escritora cabo-verdiana Dina Salústio (2009). A obra aborda comunidades femininas que têm seus costumes, suas alegrias e dores, mas que juntas vencem os desafios e transmitem sua história por meio da simbologia do vento e do perfume, como uma maneira de propagar e espalhar sua essência, suas raízes, livres pelo ar. Conclui-se que o romance em análise apresenta histórias que se entrelaçam, formando memórias e identidades que reverberam em outras histórias. Dessa forma, reforça-se o poder da ancestralidade que permeia toda a narrativa e a transforma em um verdadeiro canto à força e à resistência das mulheres.

Palavras-chave: Memória. Resistência. Essência. Mulheres.

Abstract: This article aims to discuss aspects of the universe and the role of women in the novel Filhas do Vento (Daughters of the Wind), written by Cape Verdean author Dina Salústio (2009). The work addresses female communities that have their customs, joys, and sorrows, but which together overcome challenges and transmit their history through the symbolism of wind and perfume, as a way of propagating and spreading their essence, their roots, free through the air. It can be concluded that the novel under analysis presents intertwined stories, forming memories and identities that reverberate in other stories. In this way, it reinforces the power of ancestry that permeates the entire narrative and transforms it into a true ode to the strength and resistance of women.

Keywords: Memory. Resistance. Essence. Women.

1 Introdução

A literatura de autoria feminina concede voz a tantas mulheres. É resistência, força e uma forma de resgatar as memórias de seus antepassados, no caso em questão, das mulheres africanas. Na ficção criada por Dina Salústio (2009), a escritora nos apresenta mulheres que têm suas histórias marcadas pela ancestralidade, cada uma com suas lutas, anseios, dores e amores.

[1] Mestra pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (PPGEL), da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Tangará da Serra-MT. E-mail: emanuelly.guimaraes@unemat.br

A proposta da obra consiste em um retorno às origens que, mesmo sendo posto de forma fictícia, permite-nos relacioná-lo historicamente com um possível reencontro com a história das mulheres cabo-verdianas. Além disso, a narrativa nos faz lembrar o quanto essas mulheres foram silenciadas na época da colonização e o quanto isso ainda reflete no presente. Esse reflexo não se limita às mulheres cabo-verdianas, mas estende-se a todas as que foram, de alguma forma, escravizadas, silenciadas ou invisibilizadas.

A obra aborda comunidades femininas que preservam seus costumes, suas alegrias e suas dores, mas que, unidas, vencem desafios e transmitem sua história por meio da simbologia do vento e do perfume. Tal simbologia representa uma maneira de propagar e espalhar sua essência e suas raízes, livres pelo ar, o que reforça a importância da ancestralidade e da memória para o povo africano como símbolo de resistência.

O intuito deste artigo é analisar a simbologia do vento e do perfume, bem como a construção das memórias e da ancestralidade presentes na narrativa das personagens femininas da obra *Filhas do Vento*, de Dina Salústio (2009). Buscamos, ainda, compreender as transformações ocorridas com essas mulheres e de que modo conseguiram superar desafios frente à dor, valorizando sua ancestralidade e suas memórias e reafirmando suas histórias.

Para melhor compreensão da pesquisa, o artigo está organizado em três partes. A primeira expõe uma breve contextualização da biografia de Dina Salústio, o enredo da obra e o contexto histórico em que o romance foi escrito. Na segunda parte, abordamos a força, a memória e a ancestralidade femininas presentes na narrativa, além da distinção entre memória individual e coletiva. Por fim, na terceira parte, analisamos os trechos que evidenciam a simbologia do vento e do perfume na obra *Filhas do Vento*, pertencente à literatura de autoria feminina cabo-verdiana.

2 Biografia e enredo: inferências possíveis

A autora Dina Salústio, pseudônimo de Bernardina de Oliveira Salústio, nasceu na Ilha de Santo Antão, em Cabo Verde, no ano de 1941. Além de escritora, atuou concomitantemente como assistente social, jornalista e professora em Cabo Verde, Portugal e Angola. Suas obras tornaram-se objetos de estudo em teses de licenciatura, mestrado e

doutorado no Brasil, em Portugal, na Itália e em Cabo Verde. Além disso, Dina Salústio é reconhecida por sua vasta produção literária, entre as quais destacam-se *Mornas eram as noites* (1994), *A louca de Serrano* (1998) e *Filhas do Vento* (2009). É uma das escritoras mais premiadas de Cabo Verde, representando com excelência a literatura de autoria feminina e alcançando reconhecimento nacional e internacional. Segundo Freitas (2021, p. 124), "a escrita de Dina Salústio é uma das vozes caboverdianas de mulher que milita sobre identidade, territorialidade e corpo por meio da literatura".

O romance *Filhas do Vento*, de 2009, narra a relação de uma menina com sua avó, um fantasma que vive dentro de um livro. Atormentada por um crime que cometeu, a avó pede à neta que a livre de uma maldição que carrega, cuja consequência seria a perda da família e da terra em meio a um eclipse do tempo. Para que a maldição não se cumpra, a neta precisa abandonar a própria história e realizar o destino que a avó deixou inacabado há milhares de gerações.

A obra apresenta a história de Susana Vales de forma não-linear, com constantes saltos temporais. Tal personagem é uma perfumista de sucesso que reencontra uma velha amiga jornalista, Marta Rita, durante a festa de lançamento de sua criação, o perfume *Winds*. Aproveitando a oportunidade, Susana a convence a fazer uma reportagem sobre ela.

No entanto, Marta imagina que, ao longo de nove dias, ouvirá uma história muito diferente daquela que esperava, uma narrativa que remonta a gerações passadas. Tudo começa com Brava, uma jovem enamorada e rebelde que se revolta contra as leis de sua terra, recusando-se a guardar o segredo da fecundidade da árvore do perfume. Movida pelo amor, foge com o namorado, o que gera sérias consequências. Essa atitude compromete a honra de sua família e ameaça a tranquilidade de seu país, que passa por um eclipse do tempo e corre o risco de desaparecer. Brava é condenada a um dia, não importando o tempo, voltar reencarnada em uma descendente para cumprir o papel que havia negado. Surge, então, Susana Vales, a reencarnação de Brava, encarregada de concluir a tarefa designada: levar o perfume da árvore, a alma do país onde nasce o vento, a todos os seres da terra.

3 Contexto histórico: sentidos imbricados

Cabo Verde constitui-se um arquipélago no Oceano Atlântico, a pouco mais de quinhentos quilômetros da costa ocidental da África, na altura de Senegal. O arquipélago é formado por dez ilhas vulcânicas, das quais nove são habitadas, além de vários ilhéus de menor tamanho. Sua capital é a cidade de Praia, localizada na ilha de Santiago. Foi colônia portuguesa desde 1460, em razão de suas condições climáticas e das limitações para exploração econômica. Apesar de quase toda a população falar o crioulo cabo-verdiano, o português permanece como língua oficial, sendo ensinado nas escolas e utilizado na administração pública e na maioria das publicações jornalísticas e acadêmicas.

Em relação ao processo histórico de formação de Cabo Verde, é impossível compreender a identidade cabo-verdiana sem considerar dois aspectos centrais. O primeiro é o fato de que as ilhas não eram habitadas antes da chegada dos portugueses, em 1460. O segundo diz respeito ao longo período em que o arquipélago permaneceu sob domínio colonial, alcançando a independência apenas em 1975.

Outra característica marcante da história cabo-verdiana é a intensa miscigenação com a metrópole portuguesa desde os primórdios da colonização. Isso ocorreu porque o clima árido, a escassez de recursos naturais e a distância relativamente grande entre o arquipélago e Portugal dificultaram a migração em massa de brancos, especialmente de mulheres. Como consequência, os relacionamentos entre colonizadores e habitantes locais tornaram-se frequentes. Esse processo de mestiçagem contribuiu para que a colonização de Cabo Verde se diferenciasse da ocorrida no restante da Macaronésia, região majoritariamente povoada por colonos europeus. Logo, a cultura local teve uma formação distinta da de países como Angola e Moçambique, os quais sofreram intensamente com o processo de colonização.

O fato de Cabo Verde ter permanecido como colônia portuguesa por mais de meio milênio influenciou diretamente sua identidade nacional. O domínio português foi absoluto em todo o arquipélago desde sua descoberta, o que se refletiu em diversos aspectos da vida cotidiana. Tal situação contrasta com o que ocorria em partes do continente africano, onde antigas tradições e ritos eram preservados sem grande interferência colonial, mantendo vivas identidades ancestrais.

Quando Cabo Verde passou a concentrar-se na conquista da independência política, percebeu-se uma tendência de retorno às raízes africanas, com o intuito de resgatar as tradições ancestrais. No âmbito das vozes femininas, a luta estendia-se não apenas ao direito à voz, mas também ao direito à identidade. As primeiras mulheres engajadas na resistência, por meio da palavra, tinham como principal preocupação a libertação da colônia. Esse era o tema que imperava, visto que se considerava necessário lutar primeiramente pela liberdade política e cultural para, somente depois, poderem falar de si mesmas e de suas experiências.

Portanto, a história de Cabo Verde pode ser compreendida a partir de quatro momentos, os quais impactam diretamente a produção literária e intelectual das ilhas. O primeiro corresponde ao predomínio do modelo português; o segundo marca a busca por outras referências além de Portugal, com destaque para as referências brasileiras. O terceiro é caracterizado pela reaproximação com a África, impulsionada pelos movimentos de independência e, por fim, o quarto momento corresponde à tentativa de alinhamento com as nações do Atlântico Norte, iniciada com a adesão do sistema político multipartidário no começo da década de 1990.

4 A força, a memória e a ancestralidade das comunidades femininas

A obra de Dina Salústio (2009) chama a atenção do leitor desde o título *Filhas do Vento*, que provoca reflexões sobre as possibilidades simbólicas que o circundam. Poderia ela se referir a ações libertinas do universo feminino? Ou talvez a mulheres viajantes? A metáfora presente no título evoca diferentes interpretações e convida o leitor a descobri-las ao longo da narrativa. Entretanto, o título ainda deixa pistas de que haverá um discurso feminino ao longo da história, pois, já na escolha das palavras, a figura masculina é relegada a segundo plano. Este fato é percebido/confirmado no decorrer da narrativa, uma vez que, embora existam personagens masculinos, como Óscar e Roberto, a voz predominante é a voz feminina, representada por personagens como Susana, Patrícia Mira, Severa Ancra e Dapenha.

O romance apresenta uma trama com elementos que pendem para o fantástico, na qual predominam personagens femininas carismáticas e de grande relevância. Essas mulheres participam ativamente da história e destacam o protagonismo feminino, marca

recorrente nas obras de Dina Salústio. A narrativa conta com a presença de uma organização de mulheres responsáveis pela administração da árvore sagrada, pela colheita e pela produção do óleo extraído de seus frutos. Tais personagens ganham destaque, pois desempenham um papel muito importante da trama, atuando como guardiãs da árvore, conforme descreve a autora: "especulava-se muito sobre a organização e chegou mesmo a circular que os seus membros, as adoradoras do vento, eram uma mistura de praticantes de bruxarias e astutas comerciantes" (Salústio, 2009, p. 49).

As mulheres representantes do vento exerciam, portanto, uma função de grande importância na comunidade: manipular os frutos da árvore sagrada, que eram utilizados para diversas finalidades, como cura de doenças, fama, proteção, poder, dentre outros. Nesse sentido, a obra de Salústio se mostra atual, visto que a mulher cabo-verdiana, assim como a mulher contemporânea, ocupa papéis de destaque no comércio e na sociedade, como enfatiza Santos (2015, p.179):

> a estrutura familiar sofre alterações e as mulheres passam a empregar os próprios filhos e o marido como ajudantes imediatos. Seu valor social e econômico vai sendo reconhecido e, embora analfabetas em sua maioria, estão consolidando a força do comércio varejista no país. Essas são algumas das peculiaridades da cultura cabo-verdiana que as escritoras capturam, focalizando os papéis desempenhados pelas mulheres e descrevendo suas relações e desdobramentos.

Em consonância com as mudanças destacadas por Santos (2015), no que diz respeito ao papel das mulheres cabo-verdianas após a independência do país, destacamos também o posicionamento de Vera Duarte (2015, p. 230):

> na realidade, as mulheres, elas mesmas precursoras deste momento de mudança, recusaram-se a ficar na posição de simples espectadoras passivas e estão a traçar os seus próprios caminhos, redescobrindo e dando novo valor aos papéis tradicionais, dando-lhes conteúdo renovado, e estão reorientando à sua maneira de estar na vida e no mundo, ainda que a custa de grandes sacrifícios e muitos esforços. É neste processo que a voz das mulheres emerge vibrante também na literatura, como uma contribuição maior para a arte universal, certamente, mas também como participação no projeto planetário de emancipação da mulher.

Ao traçar um paralelo com as personagens de *Filhas do Vento*, percebemos que Susana Vales, protagonista do romance e criadora do perfume *Winds*, assim como outras personagens que ganham destaque, representam a dor e a persistência de tantas mulheres mundo afora. Marta Rita, por exemplo, é uma dessas mulheres: jornalista e amiga de Susana desde a adolescência, carrega a insegurança e o trauma de ter sido violentada pelo cunhado, conforme expresso neste trecho:

> ‘Vai passar. Tudo isto vai passar’ – repetiam-lhe. - Passar!? Como se a pele não se sujasse por dentro; como se os ouvidos não se emporcalhassem e as mãos e o corpo não se enlameassem. Como, se à partida, eu fosse uma coisa de trapo. Os olhos! Meu Deus! Como se os olhos não ficassem para sempre com medo de olhar, com receio de brilhar, com pena de lembrar (Salústio, 2009, p. 94).

A obra *Filhas do Vento* (2009) expressa, desse modo, a força das comunidades femininas e a ligação que cada mulher estabelece com as outras, compartilhando alegrias, tristezas e anseios. Tal relação coletiva leva à reflexão sobre a identidade feminina e a importância das memórias individuais e coletivas. Acerca do compartilhamento de experiências pelas mulheres, Almeida (2009, p. 12) afirma que “a busca da identidade se dá através de uma viagem à memória e suas origens” e que:

> a possibilidade de compartilhar experiências semelhantes, que se repetem, tanto nas situações de dificuldades, como nas de situações de ousadias entre elas, cria o vínculo, o traço identitário, laço fundamental para a criação de uma linhagem, de uma ancestralidade onde as mulheres poderão ser modelos afirmativos e importantes para outras mulheres (Almeida, 2009, p. 12).

A ancestralidade feminina é outro elemento marcante na narrativa de Salústio (2009). A personagem principal, Susana Vales, tem sua vida transformada ao tornar-se a nova guardiã do segredo da árvore, cumprindo, assim, o papel que Brava havia negado: levar o perfume da árvore a todos os seres da Terra.

Notamos, ainda, que o que mais doía em Marta Rita era saber que sua irmã aceitava tudo isso, tinha consciência dos abusos cometidos pelo cunhado e, mesmo assim, a culpava pelo ocorrido. O desfecho dessa história é trágico: “alguém tinha esquartejado o marido da irmã, nas suas partes baixas” (Salústio, 2009, p. 95). Vale ressaltar que não foi Marta quem o matou. Assim como Marta Rita, outra personagem que merece destaque é Dapenha, que vivencia uma dor igualmente cruel, a perda da filha roubada. Na perspectiva de Assmann (2011, p. 73):

> cólera e medo propiciam o esquecimento [...]. Rancor e vingança, por outro lado, aguçam a memória. Dívidas de gratidão não se gravam tão profundamente na memória como a injustiça sofrida e a honra ferida. Lembranças como essas não se apagam de forma alguma, e aqui surge o problema de como livrar-se delas.

A injustiça sofrida por ambas, seja pela traição, seja pelos estupros do cunhado ou pela perda da filha, reforça o peso das lembranças que não se apagam, permanecendo vivas na história de quem as experimentou. Para compreender melhor o texto, é necessário distinguir a memória individual da coletiva. Nesse contexto, Schmidt e Mahfoud (1993, p.

291) defendem a impossibilidade de uma memória exclusivamente ou estritamente individual, uma vez que

> as lembranças dos indivíduos são, sempre, constituídas a partir da relação de pertença a um grupo. A memória individual pode ser entendida, então, como um ponto de convergências de diferentes influências sociais e como uma forma particular de articulação das mesmas [...]. Já a memória coletiva é o trabalho que um grupo social realiza, articulando e localizando as lembranças em quadros sociais comuns. O resultado deste trabalho é uma espécie de acervo de lembranças compartilhadas que são o conteúdo da memória coletiva.

Desse modo, as lembranças estão carregadas de influências sociais, visto que se formam a partir da relação com o outro. Elas resultam das interações estabelecidas com o meio em que se vive e, portanto, são construídas coletivamente, em conjunto com o grupo no qual o indivíduo está inserido. Para Halbwachs (1990, p. 26),

> nossas lembranças permanecem coletivas e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que somente nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma certa quantidade de pessoas que não se confundem.

Portanto, nossas lembranças formam-se a partir das relações sociais e, mesmo que em algum momento pensemos estar sós, na verdade não estamos. Isso ocorre porque somos constituídos por atitudes e pensamentos compartilhados em comunidade, os quais são aprendidos e repetidos cotidianamente.

5 A simbologia na obra

A obra destaca ainda traços simbólicos cabo-verdianos ao longo de todo o romance, por exemplo, o vento. Para Bernd (1988), o vento simboliza o sopro, o espírito. Esse elemento natural seduzia a personagem principal, Susana Vales, como se fossem as vozes de seus antepassados ecoando e se fazendo presente. Nos trechos a seguir, constata-se a fascinação pelo vento: “um dia, à volta de uma mesa, num momento de cumplicidade total, ela disse, baixo, em segredo, que a morbidez do tecido a fazia sensual e terna como se por cima da pele não tivesse senão a liberdade perfumada do vento em dia de tormenta” (Salústio, 2009, p. 17).

Em outro trecho do livro, Marta Rita conversa com Susana Vales, pedindo-lhe uma entrevista para a revista onde começou a trabalhar. Nessa ocasião, questiona-a a respeito da escolha do nome do perfume recém-lançado: "E o nome? Por que *Winds*? Por que Ventos? – E já viste algo mais livre do que o vento? Mais ousado, mais sedutor, mais... mais?" (Salústio, 2009, p. 24). Ainda acerca do vento, Chevalier e Gheerbrant (1982, p. 936) definem-no com a seguinte simbologia:

> os ventos também são instrumentos da força divina; dão vida, castigam, ensinam; são sinais e, como os anjos, portadores de mensagens. São manifestação de um divino, que deseja comunicar as suas emoções, desde a mais terna doçura até a mais tempestuosa cólera.

O vento e o perfume tornam-se, desse modo, símbolos que remetem à memória, aos traços identitários de seus ancestrais, à história e aos momentos importantes da personagem, e evocam a feminilidade. No romance de Salústio (2009), o poder espiritual das mulheres é encarado como símbolo de poder, resistência e ancestralidade, utilizando o vento e o perfume para espalhar, propagar e fortalecer sua identidade.

> Qual será o tempo de um odor? Uma vida, um nome, um momento?
> - Uma despedida forçada, um rosto que teima, uma palavra e murmúrio...
> - O fantasma de um olhar, um suspiro ousado, o sopro do vento.
> - Uma homenagem à vida – disse uma convidada, com um longo suspiro. Absolutamente fantástico, definitivamente medonho, simplesmente divino. É esta a visão de vida e de liberdade que o *Winds* me traz (Salústio, 2009, p. 11-12).

O perfume, então, assume um valor simbólico profundo, sendo tratado como uma herança familiar passada de geração em geração. A história da família de Dora Vales, mãe de Susana, originava-se em um lugar chamado Mãe dos Ventos, ligado diretamente à Associação das Filhas do Vento. Em uma conversa com Maria Dapenha, Dora Vales contou-lhe que apenas uma das mulheres da associação podia conhecer a chave do mistério da árvore do perfume, sendo este, portanto, o segredo mais bem guardado em Mãe dos Ventos. A propósito, o nome Mãe dos Ventos é devido a peculiaridade de uma ribeira, conforme descrito por Dora Vales:

> nessa ribeira larga, seca e funda nascia um caudal forte de vento. Ao longo dos séculos, as falas faladas passavam sem parar, fossem murmúrios de beijos, discursos, risos e brincadeiras de crianças ou gritos desesperados, fossem ligeira brisa ou temporais capazes de arrancar dos corvos e das árvores profundos brados de medo. Foi esse vento, senhor e dono das funduras e das margens que dera nome ao lugar. Mãe dos Ventos ficou (Salústio, 2009, p. 46).

Outro relato de Dora Vales refere-se a uma árvore que podia receber chuva somente a cada três anos. Certa vez, houve problemas com o ciclo das chuvas e, no dia previsto, não choveu na aldeia. O fato acarretou uma cena de profunda tristeza, descrita assim: "uma terra imensa de lábios abertos, de pele rebentada, de corpo quebrado que se expunha. Não pedia nada e ninguém a viu chorar" (Salústio, 2009, p. 48). Dora, extremamente emocionada ao relatar esse acontecimento a Dapenha, lembrou-se da mulher que lhe dera a vida, sentimento recorrente entre aqueles que ouviam e divulgavam o ocorrido com a árvore durante o período de sequidão:

> quem primeiro ouviu esse lado da história pensara na própria mãe e esgaravatara as entranhas. Porque nunca viu a mãe chorar? Por que ela nunca lhe pediu um abraço, desesperada? Por que não obrigou ninguém a olhá-la, a sofrer por ela, a amar e a rir com ela? O que é que escondia a mulher que lhe deu vida? Que força tinha essa criatura para que, enquanto o sangue lhe secava do corpo, conseguisse, ainda assim, cantar para fazer seus filhos rirem? (Salústio, 2009, p. 48).

Ao continuar narrando a história de seus antepassados a Dapenha, Dora afirma que apenas uma das mulheres da associação Filhas do Vento podia conhecer a chave do mistério da árvore do perfume. A partir do momento em que a filha do vento, agora intitulada Madrinha, recebia tal segredo, passava a ser a mulher mais poderosa. A associação era bastante rigorosa quanto à origem da escolhida, cuja consagração ocorria em uma cerimônia solene. Nela, apresentava-se uma jovem que nunca havia engravidado, destinada a ser a mãe da futura madrinha.

No entanto, certo dia, uma jovem nascida da terceira gravidez, de nome Brava, recusou-se a assumir o papel de madrinha. Tal gesto foi considerado um crime que abalou a comunidade. Ao investigar o motivo da recusa, as adoradoras do vento descobriram que Brava estava apaixonada por um jovem recém-chegado à aldeia, vindo de um sítio mais ou menos desconhecido, interessado nos negócios envolvendo a árvore do perfume.

Em relação ao jovem perfumista que apareceu na aldeia em busca da exploração da árvore do perfume, ele continuou a apresentar propostas, cada uma mais tentadora que a anterior. No entanto, as Filhas do Vento mantiveram-se irredutíveis em suas convicções e recusaram todas as ofertas. Com o tempo, o jovem acabou por se conformar com as negativas, mas, convivendo naquela região, envolveu-se com Brava. Declarou-lhe seu amor e foi correspondido,

> à noite ele orientava a direção do seu sono e dos seus sonhos para a sua amada, embalado pelas ondas da baía mais perfumada do mundo. E uma das mais belas. Não. Seguramente a baía mais bela e aquela que provoca as maiores paixões, os ais mais garridos e os abraços mais profundos. E as maiores saudades. Tantas saudades! (Salústio, 2009, p. 59).

A relação entre Brava e o jovem perfumista trouxe sérias consequências para o local e para toda a rotina que havia ali. Isso ocorreu porque era a primeira vez, na história da cidade, que uma jovem recusava o cargo de madrinha, como destaca o texto: "pela primeira vez uma mulher, mais fêmea do que todas as outras, punha em risco a terra que tinha como alicerce um mistério do qual só ela podia conhecer a chave" (Salústio, 2009, p. 60).

Houve, então, o julgamento de Brava, ocasião em que seria decidido o seu destino. Durante a cerimônia, muitos acontecimentos estranhos chamaram a atenção, entre eles o aparecimento de uma menina absolutamente idêntica a Brava, tanto na beleza quanto no perfume. Além do mais, surgiu outra mulher envolta em um pano vermelho, relatou ter ajudado no parto de Brava e revelou que Nossa Senhora dos Ventos havia lhe prometido uma filha. O fato é que, durante o parto, nasceram gêmeas, e aquela mulher levou uma das meninas consigo. Diante disso, tornou-se necessário saber quem tinha nascido primeiro. A mulher do pano vermelho aproximou-se de uma das juízas sacerdotisas e anunciou a esta, que disse assim:

> - Pelas leis constitucionais, a menina que veio no pano é a mais velha. Ela é a terceira filha e, portanto, a nossa próxima e amada Mad, se a Nossa Senhora dos Ventos assim o entender.
> A jovem Brava não quis ouvir mais nenhuma palavra. Deu a mão ao namorado e correram os dois para o barco. Foi esse passo, absolutamente irrefletido, que a impediu de escutar as últimas palavras da sentença e que lhe eram destinadas. Assim começou a longa história da família da menina rebelde e apaixonada, de nome Brava (Salústio, 2009, p. 76).

Brava, todavia, não ouviu a segunda parte do julgamento. Nem mesmo as várias Filhas do Vento conseguiram escutar o que foi dito, pois levantou-se um pé-de-vento que dificultou a audição, arrastando consigo grande parte das palavras. Ainda assim, a versão que circulava com mais frequência e credibilidade era esta:

> - Por ter negado ouvir a palavra que lhe era destinada e por ter deixado Mãe dos Ventos a falar sozinha enquanto, assanhada, partiu com o namorado mundo afora, fica determinado que Brava tornará a este país por sua vontade ou reencarnada numa mulher da sua descendência, para cumprir o destino que agora enjeitou (Salústio, 2009, p. 77).

Dora Vales finalizou a história contando a Dapenha que Brava era sua avó e que sua filha seria a próxima guardadora do segredo da árvore. O vento, tão presente em Cabo Verde, e o perfume levado pelo vento, como a disseminação da história das mulheres, resgatam, dessa forma, a ancestralidade e a alteridade afro-feminina evidenciadas na escrita de Salústio. Por meio de aromas e de cores, o romance conduz o leitor a uma viagem sensorial, por intermédio de sinestesia para angariar a atenção do leitor.

> - E as memórias faziam-se com o novo aroma conseguido.
> - No começo são gestos ternos, indeléveis complementos, toques cúmplices.
> - E sem nos darmos conta transformam-se numa necessidade inaudível, num prazer total, geram uma paixão.
> - Um vício. Seguramente a Cosmos cria vícios (Salústio, 2009, p. 11).

A obra traz em seu bojo narrativo a busca por um ancestral feminino que remete à memória de um povo, de modo a confirmar sua identidade e reconstruir sua história. Sendo assim, a simbologia do vento permeia toda a narrativa, sendo responsável pela preservação da memória e pelo resgate da história das mulheres cabo-verdianas.

Notamos que a produção de Dina Salústio (2009) nos instiga e nos convida à interação por meio da reflexão. Esse diálogo se intensifica, especialmente, no desfecho do livro, quando são abordadas as ideias de lugares e gentes, além de se evidenciarem as características literárias próprias de Salústio (2009, p. 33), como observamos neste fragmento:

> afinal, conforme aprendeu num livro muito antigo e especial, os mundos são sempre o mesmo mundo, e os continentes, e os mares, os céus, as gentes, as pedras e as águas são apenas caminhos para o mesmo destino, para a mesma cidade, para dentro de nós... A cada passo fica-se mais perto. [...] porque só o que está dentro de nós pode ser transformado; só o que nós somos, pode ser reconstruído; só o que nós temos pode ser dado. Está nos livros, não sou eu quem diz.

Pelo excerto acima, percebemos que a narrativa insere o leitor por meio do uso do pronome “nós”, tornando-o confidente e, em alguns momentos, até mesmo cúmplice e partícipe das reflexões contidas na história. A pujança argumentativa e filosófica do trecho leva o leitor a perceber a presença de mais de uma voz na afirmação, como se a narração, nesse momento, refletisse a opinião da própria autora.

Em síntese, compreendemos que a obra de Salústio (2009) representa a jornada da vida como uma busca por transformação interior, e não exterior. A viagem configura-se, de fato, um caminho para o autoconhecimento ou mesmo um retorno às raízes. Tal concepção

reflete a percepção de que o mundo atua como um espelho da alma e que, à medida que o ser humano o explora, acaba conhecendo a si mesmo. Trata-se, portanto, de uma exploração existencial que busca a verdade interior e o ser autêntico, partilhando, assim, aquilo que realmente possui. Por fim, observamos a afirmação de que tudo isso já está presente nos livros. Não se trata de algo novo que tenha sido dito, mas de verdades universais que se perpetuam no tempo e nos conectam às sabedorias da coletividade.

6 Considerações Finais

No romance *Filhas do Vento*, de Dina Salústio (2009), as mulheres são protagonistas e independentes. Elas organizam-se em comunidade para trabalhar e demonstram constante solidariedade umas com as outras. Cada uma possui seus dramas e vivências, marcadas por histórias de perdas, dores e alegrias. Assim, as Filhas do Vento espalham pelo ar o aroma afro-feminino, celebram a vida, resgatam sua ancestralidade e retomam suas memórias, valorizando, desse modo, a história de seus antepassados.

O romance em análise apresenta a história do encontro entre Susana Vales, uma perfumista de sucesso, e sua ancestral avó, num cenário repleto de mistérios, habitado por mulheres que possuem um dever a cumprir. De acordo com Braga (2013, p. 15), na obra *Filhas do Vento*, "a festa de lançamento do perfume *Winds* ("ventos", em inglês), causa o encontro de mulheres com histórias de vidas diversas, nas quais as fragilidades humanas, como o abandono de um filho e a traição amorosa ganham destaque". As histórias se entrelaçam, formando memórias e identidades que reverberam em outras histórias. Dessa forma, reforça-se o poder da ancestralidade, que permeia toda a narrativa e a transforma em um verdadeiro canto à força e à resistência das mulheres cabo-verdianas.

Referências

ALMEIDA. L. Linhagens e ancestralidade na Literatura de autoria feminina. Faces femininas da Literatura. **Revista Ângulo**, [*S. l.*], n. 117, p. 11-17, 2009. Disponível em: http://www.unifatea.br/seer/index.php/angulo/article/viewFile/248/205. Acesso em: 5 abr. 2025.

ASSMANN, A. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

BRAGA, J. P. **Entre dois mundos**: a loucura feminina nos romances "A louca de Serrano", de Dina Salústio, e "O alegre canto da perdiz", de Paulina Chiziane. São Paulo, 2013.

BERND, Z. **Escrituras Híbridas**: Estudos em Literatura Comparada Interamericana. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de Símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 21. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.

DUARTE, V. O canto da sereia ou a emergência da voz das mulheres na literatura cabo-verdiana. *In*: GOMES, S. C. (org.). Contravento, Pedra-a-Pedra. **Conferências do I Seminário Internacional de Estudos Cabo-Verdianos (2008)**. Praia: Biblioteca Nacional, 2015. p. 229-244.

FREITAS, S. R. F. de. Cabo Verde no feminino: a ficção curta de Dina Salústio. **SOLETRAS**: Revista do Programa de Pós- Graduação em Letras e Linguística -PPLIN. UERJ, n. 42, jul./dez. 2021. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/soletras/article/view/59919/40795. Acesso em: 28 jun. 2025.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

SALÚSTIO, D. **Filhas do Vento**. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro (IBNL), 2009.

SANTOS, S. M. Vítimas e Rebeldes: Mulheres escrevem Cabo Verde. *In*: GOMES, S. C.; MANTOVANI, A. A.; PEREIRA, É. A. (org.). **Literatura Cabo-verdiana**: leituras universitárias. Cáceres: Ed. UNEMAT, 2015. p. 176-184

SCHMIDT, M. L. S; MAHFOUD, M. Halbwachs: Memória Coletiva e Experiência. **Psicologia USP**, São Paulo, n. 4, v. 1/2, p. 285-298, 1993. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/34481. Acesso em: 28 jun. 2025.